



# 1

## O CARÁTER MÚLTIPLO DA UMBANDA

*Dá licença, Pai Antônio  
Que eu não vim lhe visitar  
Eu estou muito doente  
Vim pra você me curar  
Se a doença for feitiço  
Bulalá em seu congá  
Se a doença For de Deus, ai  
Pai Antônio vai curar  
Coitado de Pai Antônio  
Preto Velho curador  
Foi parar na detenção, ai  
Por não ter um defensor  
Pai Antônio é quimbanda\*, é curandor  
Pai Antônio é quimbanda, é curandor  
É pai de mesa, é curandor  
É pai de mesa, é curandor*

*\*Kimbanda = curandeiro, mágico (dicionário de kimbundu-português coordenado por J. D. Cordeiro da Matta). No ponto transcrito e que era cantado por Pai Antônio, manifestado em Zélio Fernandino de Moraes, a entidade de luz refere-se a si mesma como “quimbanda”*

A primeira manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, no médium Zélio Fernandino de Moraes, um jovem de 17 anos à época, no dia 15 de novembro de 1908, num centro espírita pertencente à Federação Espírita do Rio de Janeiro, foi marcada pela quebra de regras estabelecidas e certo enfrentamento. O Caboclo, incorporado em Zélio, que estava sentado à mesa, levanta-se e diz que está faltando uma flor no lugar. Ele caminha e vai até o jardim, apanha uma rosa branca e coloca-a no centro da mesa na qual se realizavam os trabalhos mediúnicos da noite.

Temos nesta ação do Caboclo uma clara ruptura com o estabelecido e consagrado como diretriz de conduta. O “levante” ocorreu na penumbra da sala, pois as atividades eram à meia-luz, o que, em muitos aspectos, significava a frieza e o formalismo catequista dos doutrinadores espíritas do início do século passado; intelectuais estudiosos, zelosos da pureza doutrinária e austeros com relação a possíveis manifestações de espíritos menos evoluídos. O que sobrava de racionalismo e impessoalidade faltava em amorosidade incondicional às diferentes origens de irmãos que se apresentavam do alémtúmulo nas lides spiritistas. Não por acaso, a rosa branca representa a pureza, a inocência, e pode ser associada com as grandes uniões e os novos começos. Essa rosa é também símbolo de honra, reverência, respeito, esperança, paz e espiritualidade.

A contrariedade do Caboclo das Sete Encruzilhadas inicia uma cisma que culminou com a fundação da Umbanda. Advertido pelo dirigente dos trabalhos sobre a sua procedência, disse-lhe em audíveis e fortes palavras:

“Deus, em sua infinita bondade, estabeleceu na morte o grande nivelador universal; rico ou pobre, poderoso ou humilde, todos

se tornariam iguais na morte; mas vocês, homens preconceituosos, não contentes, estabelecem diferenças até mesmo além da barreira da morte. Por que não podem nos visitar esses humildes trabalhadores do espaço, se, apesar de não terem sido pessoas socialmente importantes na Terra, também trazem importantes mensagens do Além? Se julgam atrasados espíritos de pretos e índios, devo dizer que amanhã estarei na casa deste aparelho para dar início a um culto em que estes pretos e índios poderão dar a sua mensagem e, assim, cumprir a missão que o Plano Espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. E se querem saber meu nome, que seja este: Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim”.

Das palavras iniciais do Caboclo das Sete Encruzilhadas entende-se que a Umbanda tem um caráter múltiplo e diverso enquanto religião em estruturação, eminentemente de inclusão espiritual heterogênea (une os diferentes), nunca de exclusão, buscando um controle hegemônico (supremacia). Ou seja, traz para o centro do seu culto religioso a periferia desconsiderada pela sociedade dominante dita evoluída – os espíritos de pretos e índios “atrasados”, que não tinham espaço de manifestação mediúmica como espíritos benfeitores no espiritismo, notadamente eurocêntrico. A doutrina nascente fala aos humildes (excluídos), reforçando a igualdade que deve existir entre todos os indivíduos do Cosmo, sejam encarnados ou desencarnados.

Desde os idos de novembro de 1908, quando, numa sessão de “mesa branca”, foi anunciado o surgimento da nova religião, ela já nasceu envolta por ambiente polêmico, pois anunciava um trabalho com a pluralidade. De forma muito sintetizada, podemos dizer que a Umbanda surgiu para dar “voz” aos espíritos “marginalizados” pela senda espírita, tão “bem” frequentada pelos doutores, advogados e intelectuais do Astral superior. Por sua vez, a Umbanda aceitaria a manifestação mediúmica de espíritos “inferiores” que, quando

encarnados, não pertenceram aos grupos dominantes de nossa sociedade capitalista, a saber, os negros e os indígenas, realizando uma revolução na estrutura socioespiritual vigente naquele contexto histórico.

É interessante observar que até os dias de hoje a Umbanda é altamente inclusiva ao tratar de espíritos discriminados em outras searas espiritualistas. Não por acaso, na atualidade dos terreiros, escutamos o riso fácil das bombogiras, a gargalhada dos exus, a matreirice dos baianos, a força dos boiadeiros, a alegria dos ciganos, a circunspeção dos orientais, a peraltice das crianças...

Quando analisamos o histórico da Umbanda, inicialmente, ela não constituiria uma nova religião, pois poderia se manifestar como uma linha de trabalho dentro do espiritismo, não fosse o preconceito das pessoas. Mas, tendo sido classificado como um espírito inferior na mesa kardecista, o Caboclo das Sete Encruzilhadas anunciou que, a partir daquele momento, seria instituído um novo culto no Brasil.

O ritual estabelecido pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas era bem simples: cânticos baixos e harmoniosos – sem utilizar atabaques e palmas –, vestimenta branca e proibição de sacrifícios de animais. Capacetes, espadas, cocares, vestimentas de cor, rendas e lamês não eram aceitos. As guias usadas eram apenas as determinadas pela entidade que se manifestava. Os banhos de ervas, os amacis, a concentração nos ambientes vibratórios da natureza e o ensinamento doutrinário com base no Evangelho constituíam os principais elementos de preparação do médium. Tudo muito simples, sem grandes estímulos aos sentidos objetivos, e em sintonia com os planos psíquicos internos.

Por levar em consideração a diversidade, a Umbanda não apresentou uma codificação que unificasse a sua ritualística, portanto, podemos perceber a diversidade de rituais dentro do movimento umbandista. Assim, cada Tenda de Umbanda apresenta sua forma de culto, que está intimamente ligada ao guia-chefe e à personalidade do dirigente da Casa, sua ancestralidade e compromisso ético

e cármico-espiritual. Daí, adotando uma postura inclusiva, podemos dizer que, dentro da egrégora umbandista, encontramos diversas manifestações da Umbanda, ou seja, a Umbanda tem diversas “umbandas” contidas nela mesma. Paradoxalmente, de difícil compreensão para as mentes ortodoxas das religiões de um único profeta revelador da verdade divina, cada “umbanda” alcança o nível de consciência de seus integrantes e consulentes em conformidade com o contexto social em que está inserida.

Acredito que seja justamente por apresentar esta proposta de trabalhar com a diversidade que a Umbanda consegue arrastar uma multidão de pessoas, pois fala diretamente ao coração, sem, para isso, fazer uso de códigos únicos ou dogmas pétreos. Na simplicidade e na habilidade de seus trabalhadores espirituais, a Umbanda toca a alma das pessoas.

Infelizmente, apesar de muitos serem chamados, poucos conseguem atravessar os portais internos da autoiniciação que ela propicia aos seus adeptos. A grande maioria se deixa enraizar no culto das formas ilusórias, priorizando seu aspecto esotérico, externo, por vezes valorizando a estética exageradamente folclorizada em danças e vestimentas vistosas, fugindo da essência do que verdadeiramente é a Umbanda. Deixemos claro que nada temos contra o movimento corporal durante os transe ou estados alterados de consciência, comuns nas hostes umbandistas, até porque não nos cabe julgar, cada qual apresenta um papel a cumprir no processo de melhoramento planetário.

Acreditamos que são válidas as palavras do Caboclo das Sete Encruzilhadas e todos que querem conhecer e/ou seguir a Umbanda as devem ter bem nítidas: “Com os espíritos mais evoluídos, aprenderemos. Aos espíritos menos evoluídos, ensinaremos. E a nenhum espírito renegaremos”.

Tais palavras precisam ser tema de constantes reflexões e meditações para que possamos alcançar seu teor espiritual. E todos, dentro de seus limites e transcendência, devem ser considerados, e

nunca discriminados. Muitos lutam para ser respeitados, e continuarão lutando, pois o respeito é alcançado à medida que exercitamos o amor ao próximo.

Eduquemo-nos para enxergar no outro um ser sagrado, filho de Deus como nós o somos, com as mesmas potencialidades cósmicas, independentemente de aparências físicas transitórias; raça, confissão religiosa, condição econômica... Assim despertaremos nossa Consciência Universal, objetivo esotérico da Umbanda, que, através da diversidade dos fenômenos, procura adentrar a essência que habita em nós, a centelha divina que nos faz unidade com o Criador – o “vós sois deuses” ao qual se referiu Jesus. O ser que se universaliza, se abre para o diferente, desenvolve alteridade, maturidade emocional e resiliência, ama desinteressadamente, eleva-se pelo esforço próprio de melhoramento do seu caráter, caminha com igualdade e fraternidade entre os seus semelhantes, independentemente de quem sejam ou de suas procedências. O não julgar o próximo é inerente ao estado psíquico alimentado pela oferenda, que é o culto interno de veneração à divindade; prepondera em seu coração o sentimento de humildade, sabe da sua falibilidade como criatura imersa na execução do propósito da vida humana, é comprometido com a verdade e tem seu Ori – mônada interna – fortalecido por mérito de suas obras, pela conquista individual que o melhoramento do seu caráter propiciou.

## **Os caminhos de Ogum e as encruzilhadas de Exu nos idos da Umbanda**

Quando o Caboclo das Sete Encruzilhadas profetizou que, para ele, “não haverá caminhos fechados”, utilizou-se dos atributos divinos com poderes de realização de dois Orixás, a saber: Exu e Ogum.

É notória a relação estabelecida entre os caminhos e as encruzilhadas. Ogum é o Orixá dos caminhos, mas é Exu que abre e fecha as encruzilhadas. Então, o mito fundante da Umbanda tem a personagem principal, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, como

uma entidade que assimila as forças de concretização do projeto da religião nascente nestes dois Orixás, que vão à frente, literalmente tirando os obstáculos do percurso.

O nome adotado pelo espírito responsável por viabilizar a nova religião para a humanidade esclarece a própria formação do imaginário umbandista, que se apresenta como sete encruzilhadas, onde se encontrarão várias tradições e saberes; catolicismo, espiritismo, religiões tradicionais africanas, pajelança indígena, esoterismo e os novos cultos da diáspora amalgamados com as práticas mágicas populares, dando abertura ainda para influências esotéricas das mais diversificadas origens. Sem dúvida, este encontro de caminhos que se cruzam produziu a fermentação do “bolo”, que não parou por aí. Ocorre que a Umbanda é atualíssima, se renova e agrega novas tradições a cada dia, como o hinduísmo, o islamismo e até o próprio Santo Daime, entre outras.

## **Pai Antônio, o primeiro preto velho da Umbanda**

No dia seguinte à primeira manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, na casa de Zélio, aconteceu o primeiro rito propriamente dito de Umbanda. Complementa os seus dizeres o Caboclo, incorporado em Zélio, reafirmando o caráter diverso, plural, de constante reelaboração e de inclusão da religião nascente. Podemos inferir que se iniciava um novo culto, para que espíritos de africanos, entre outros, encontrassem um campo de ação propício, dado que nos rituais remanescentes, deturpados e direcionados para a feitiçaria, não estariam mais conectados com suas ancestralidades. Ou seja, a Umbanda é “parida” para oportunizar trabalho e uma solução de continuidade a saberes que vieram de África, distorcidos no Brasil durante o processo da diáspora, intensificado especialmente após a “libertação” dos escravos, que tiveram que mercantilizar o axé – força vital – dos seus Orixás, Inquices e Voduns para sobreviverem.

Neste sentido, é emblemático o ponto cantado por Pai Antônio, transcrito na abertura deste capítulo, quando da sua primeira incorporação em Zélio de Moraes, no primeiro rito conduzido pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas após o episódio do dia anterior na sede da Federação Espírita de Niterói. Em verdade, Pai Antônio é o primeiro preto velho a se manifestar na Umbanda. Dizem os mais antigos que ele foi o Marquês de Pombal, português, ferrenho inimigo do Frei Gabriel Malagrida, que, o tendo entregado para a Inquisição, retorna em missão no Brasil para se retificar perante as Leis Divinas. Como é sabido, antes de sua encarnação como índio brasileiro, o Caboclo das Sete Encruzilhadas foi o Jesuíta Gabriel Malagrida (ver Adendo 2 ao final do capítulo).

Enquanto Frei Gabriel Malagrida reencarna no Brasil como um silvícola, se fortalecendo para a missão hercúlea de fundar a Umbanda e, ao mesmo tempo, desfrutar de uma existência lúdica e feliz para descansar das agruras sofridas na Inquisição portuguesa, o Marquês de Pombal renasce em África imerso na ancestralidade bantu – Angola –, e acaba vindo para o Brasil como escravo. Anos depois, desencarna ao sentar em uma árvore para descansar, pois, já velho e com pouca força para as lides braçais, alquebrado e fraco, cochila e não acorda mais. Após essa existência, assume compromisso com os maiores da Umbanda e aceita ser Pai Antônio, o preto velho que acompanharia o Caboclo das Sete Encruzilhadas e Zélio de Moraes até o fim de sua estada terrena.

Pai Antônio, em sua primeira manifestação, se intitula um “quimbanda” curador. Originalmente, a palavra é *kimbanda*, da língua kimbundo, falada em Angola, que significa curandeiro mágico ou feiticeiro curador. Então, historicamente, o primeiro africano que se apresenta como preto velho na Umbanda é de origem bantu e forma, com o Caboclo das Sete Encruzilhadas e o Orixá Mallet, espírito da vibração de Ogum, a tríade de entidades missionárias que vibravam no Ori de Zélio de Moraes; a ancestralidade do índio brasileiro, do(s) africano(s) angola e nagô (iorubá) “mescladas” com



o espiritismo e o catolicismo, dão a fermentação inicial à “massa” umbandista em formação, impulsionando-a para que ela crescesse e se expandisse em solo brasileiro, o que efetivamente aconteceu.

### **A construção identitária da Umbanda e o “*continuum* religioso”**

Na Umbanda, não existe uma padronização ritualística ou uma mitologia predominante. Há, sim, diversas formas de se praticar e vivenciar o culto religioso. Cada terreiro dispõe e combina, à sua maneira, elementos de uma rica pluralidade de origens ancestrais e de tradições variadas. Não se estabelecem limites na capacidade do umbandista reinterpretar, modificar, reelaborar, absorver e dialogar com todos os saberes, num vasto campo “fluído” e “poroso” de reconstruções simbólicas, teológicas e rito-litúrgicas de amplas significações.

Paradoxalmente, constrói-se uma “linha” de continuidade religiosa em inúmeras modalidades combinatórias; umas mais próximas do espiritismo ou dos “espiritólicos” (espíritas católicos), outras mais afins com as origens africanas, caracterizando dois extremos com muitos pontos de intersecção, mas inexoravelmente todos ligados por uma identidade – todas as “umbandas” são Umbanda –, mesmo que algumas estejam mais distantes do núcleo fundante, e outras, mais semelhantes aos ritos iniciais elaborados pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Constatamos que a estruturação da Umbanda é aberta, inclusiva, não sectária e com múltiplos parâmetros constitutivos, desde o primeiro culto em Niterói no início do século passado, com diversas influências religiosas que compõem um rico mosaico de práticas nos terreiros da atualidade. Como se fosse uma grande rede, na qual várias linhas se entrelaçam, podendo dar origem a inúmeras combinações, mas sempre em conformidade com a linhagem iniciática de cada agrupamento (nós), todos possuem características semelhantes, que os definem como sendo Umbanda.

Em verdade, a Umbanda é um sistema aberto em construção, aos quais as diversas interpolações teológicas se misturam, todavia ressignificadas, reinterpretadas e reelaboradas no tempo, variando de terreiro a terreiro, de sacerdote a sacerdote, de espírito-guia a espírito-guia, cimentando a identidade plural e múltipla de uma religião absolutamente complexa, mas que, em essência, continua falando aos humildes e excluídos, se comunicando e instruindo os simples em espírito, aqueles que são simpáticos à sua mensagem libertadora de amarras doutrinárias e dogmas imexíveis.

Concluindo este capítulo, observemos que a própria literatura disponível que versa sobre Umbanda evidencia a multiplicidade umbandista. Cada autor/sacerdote/escritor apresenta uma visão diferente, mas todos têm aspectos em comum, que os identificam como sendo “de Umbanda”.

A consciência coletiva dos adeptos umbandistas, o senso comum que está prevalecendo, espera esta igualdade nas diferenças entre suas lideranças, o que só reflete a diversidade de opiniões dos espíritos do lado de lá, que os assistem nos seus terreiros de origem. Inexoravelmente, essa é a grande força da Umbanda.



### **ADENDO 1: A Umbanda tem história – o “nascimento” da religião genuinamente brasileira no alvorecer da República ou o mito fundador como origem**

Zélio Fernandino de Moraes nasceu em 1891, no município de São Gonçalo, Rio de Janeiro. Aos 17 anos, quando se preparava para ingressar nas Forças Armadas, começou a falar de uma forma estranha, em tom manso e sotaque diferente, semelhante a um senhor de bastante idade. A família desconfiou que era algum tipo de distúrbio mental e o encaminhou a um tio psiquiatra. No entanto, não foram encontrados os sintomas de Zélio em nenhuma literatura

médica, até que seu tio sugeriu à família que o encaminhasse a um padre, para que fosse feito um ritual de exorcismo. Procuraram, então, um padre da família, que, após fazer o tal ritual de exorcismo, não conseguiu nenhum resultado. De repente, Zélio foi acometido por uma estranha paralisia, para a qual os médicos não conseguiram encontrar a cura. Até que, num ato surpreendente, ele levantou do leito e afirmou: “Amanhã estarei curado”. Ao ser levado pela mãe a uma curandeira, Zélio ouviu que tinha o dom da mediunidade, e que deveria trabalhar pela caridade. Seu pai, apesar de não frequentar nenhum centro espírita, era um leitor assíduo das obras de Allan Kardec e adepto do espiritismo.

Foi quando, no dia 15 de novembro de 1908, por sugestão de um amigo de seu pai, Zélio foi levado à Federação Espírita de Niterói. Chegando lá, foi convidado a sentar-se à mesa. Em seguida, contrariando as normas do culto realizado, Zélio levantou-se e disse que ali faltava uma flor. Foi até o jardim, apanhou uma rosa branca e colocou-a no centro da mesa na qual se realizava o trabalho. Iniciou-se, então, uma estranha confusão no local, ele e outros médiuns começaram a apresentar incorporações de caboclos e pretos velhos. Ao ser advertida, a entidade incorporada no rapaz perguntou por qual motivo as mensagens de pretos e índios eram repelidas. O médium vidente perguntou por que a entidade falava como um índio, de cultura claramente atrasada, já que estava enxergando vestes jesuítas e uma aura de luz. Ele respondeu: “Se julgam atrasados espíritos de pretos e índios, devo dizer que amanhã estarei na casa deste aparelho, para dar início a um culto em que estes pretos e índios poderão dar a sua mensagem e, assim, cumprir a missão que o Plano Espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. E se querem saber meu nome, que seja este: Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim”. Afirmou também que tinha sido um padre jesuíta em Portugal, por isso o vidente enxergava tais vestes, mas, na

última encarnação, tinha vivido com um caboclo brasileiro. No outro dia, na casa de Zélio, sob os olhares de membros da Federação Espírita de Niterói, parentes, amigos e uma multidão de curiosos, o Caboclo das Sete Encruzilhadas “desceu” e usou as seguintes palavras:

“Aqui inicia um novo culto, em que os espíritos de pretos africanos, que haviam sido escravos e que, ao desencarnar, não encontram campo de ação nos remanescentes das seitas negras, já deturpadas e dirigidas quase que exclusivamente para os trabalhos de feitiçaria, e os índios nativos da nossa terra poderão trabalhar em benefício dos seus irmãos encarnados, qualquer que seja a cor, raça, credo ou posição social. A prática da caridade no sentido do amor fraterno será a característica principal deste culto, que tem base no Evangelho de Jesus e, como mestre supremo, Cristo.”

A entidade também disse que os participantes deveriam estar vestidos de branco e o atendimento a todos seria gratuito. Disse também que estava nascendo uma nova religião e que se chamaria Umbanda.

Neste mesmo dia, Zélio incorporou um preto velho chamado Pai Antônio, que, em poucas palavras, mostrou sabedoria e humildade. Foi também Pai Antônio que solicitou os primeiros elementos de trabalho da religião: o tabaco e uma guia. No outro dia, formou verdadeira romaria em frente à casa da família Moraes. Cegos, paráliticos e médiuns que eram dados como loucos foram curados. A partir desses fatos, descobriu-se a Corrente Astral de Umbanda na atualidade.



## **ADENDO 2: Frei Gabriel Malagrida – o jesuíta (Caboclo das Sete Encruzilhadas)**

No ano de 1689, às margens do rio Como, na vila de Monaggio, nascia um menino, que recebeu o nome de Gabriel Malagrida.

Gabriel (significa “as vozes harmoniosas de Deus”), mais tarde, identificou-se como Caboclo das Sete Encruzilhadas, o responsável pelo surgimento da Umbanda.

Desde cedo, Gabriel demonstrou tendências místicas. Entrou para o seminário de Milão, onde foi ordenado, e professou na Companhia de Jesus, em 1711. Gabriel desejava cumprir sua missão no Brasil, porém Tamborini, o Geral da Companhia de Jesus, havia lhe reservado a cadeira de Humanidades no Colégio de Bastis, na Córsega. Mais tarde, conseguiu se transferir para Lisboa em 1721, de onde, depois de algum tempo, conseguiu embarcar para o Maranhão.

Nessas terras, Gabriel pregou, internando-se no sertão, enfrentando sérios perigos e vencendo com a fibra de quem se julgava destinado a cumprir uma missão superior no planeta, uma missão de conquistar almas para o Céu. Apresentava evidentes sintomas mediúnicos, ouvindo vozes misteriosas, e chegou mesmo a pensar que operava milagres.

Em 1727, começou a árdua tarefa de catequizar os índios no Maranhão, conseguindo, nessa mesma ocasião, amansar a feroz tribo de Barbassos. Fundou, no Maranhão, uma missão que teve grande desenvolvimento, sustentando uma peregrinação apostólica. Foi, em seguida, em 1730, para a Bahia e o Rio de Janeiro, onde continuou a pregar, alcançando grande ascendência sobre os índios.

Apareceu, então, convertido no apóstolo do Brasil. Dizia que conversava com Deus e que lhe aparecia a Virgem Maria, e, para completar seus feitos, descrevia os milagres que operava.

Em 1749, partiu para Lisboa, onde foi recebido com fama de santo por muitos fiéis. Nessa época, Dom João V se encontrava muito doente, e Gabriel, a seu pedido, o assistiu nos seus últimos momentos.

Em 1751, retornou ao Brasil, onde ficou até 1754, ano em que foi chamado a Lisboa pela rainha, Dona Mariana da Áustria. Encontrou no poder Sebastião José, o terrível Marquês de Pombal, que

não permitiu sua presença por muito tempo junto à rainha. Por esse motivo, Gabriel se isolou durante um período em Setúbal.

No dia 1º de novembro de 1755, Lisboa foi destruída por um terremoto. Correu o boato que a catástrofe era castigo do Céu. Pombal mandou publicar um folheto escrito por um padre, explicando o fenômeno e as causas naturais que o determinaram. Gabriel apareceu em público com um pequeno livro, procurando corrigir o teor da publicação. Nesse opúsculo Gabriel afirmava que o terremoto era verdadeiramente um castigo do Céu. Pombal, enfurecido, mandou queimar o opúsculo e desterrou Gabriel para Setúbal. Em setembro de 1758, ocorreu um atentado contra a vida de Dom José. Algumas semanas antes, Gabriel havia escrito uma carta ameaçadora ao Marquês de Pombal. Gabriel foi preso em 11 de dezembro como responsável pelo atentado e encarcerado nas prisões do Estado. Pombal vasculhou seus livros e, nessa oportunidade, lhe atribuiu passagens que pareciam pouco ortodoxas. Após isso, entregou-o à Inquisição. Gabriel foi condenado à pena de garrote e fogueira, sendo executado na Praça do Rossio em 21 de setembro de 1761.

Gostaríamos de esclarecer que os itens básicos destes relatos, adendos 1 e 2, foram fornecidos pelo próprio Caboclo das Sete Encruzilhadas a Lilia Ribeiro, frequentadora da Tenda Nossa Senhora da Piedade, e hoje são de domínio público.

Uma comprovação deste último pode ser encontrada na Biblioteca de Amsterdã, onde existe uma cópia do famoso processo aberto contra o Frei, traduzida da edição de Lisboa. Nesse processo, pode-se ler que Gabriel foi acusado de feitiçaria e de manter pacto com o Diabo, que lhe havia revelado o futuro.

Para finalizar, podemos citar que Gabriel Malagrida reencarnou no Brasil (talvez para se refazer da árdua encarnação como jesuíta), se preparando para a importante missão que lhe estava reservada dentro do Movimento Umbandista no século XX como Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Quando o Caboclo baixou na Federação Espírita, fizeram-se muitas indagações.

Em uma delas, o vidente teria perguntado se não bastariam as religiões já existentes, fazendo menção ao espiritismo. O Caboclo respondeu:

*“Deus, em sua infinita bondade estabeleceu na morte o grande nivelador universal; rico ou pobre, poderoso ou humilde, todos se tornariam iguais na morte; mas vocês, homens preconceituosos, não contentes, estabelecem diferenças até mesmo além da barreira da morte. Por que não podem nos visitar esses humildes trabalhadores do espaço se, apesar de não haverem sido pessoas socialmente importantes na Terra, também trazem importantes mensagens do Além?”*

Ao final o vidente perguntou: *Pensa o irmão que alguém irá assistir ao seu culto?* O Caboclo respondeu: *“Cada colina de Niterói atuará como porta-voz anunciando o culto que amanhã inciarei.”*

As Sete Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas:

1 – Tenda Nossa Sra. da Guia – Durval de Souza – Rua Camerino, 59 – RJ

2 – Tenda Nossa Sra da Conceição – Leal de Souza

3 – Tenda Santa Bárbara – João Aguiar

4 – Tenda São Pedro – José Meireles

5 – Tenda Oxalá – Paulo Lavois – Av. Presidente Vargas, 2.567

6 – Tenda São Jorge – João Severino Ramos – Rua Dom Gerard, 45

7 – Tenda São Jerônimo – José Alvares Pessoa (Capitão Pessoa) – Rua Visconde de Itaboraí, 8 – RJ

*Chegou! Chegou!*

*Chegou... com Deus...*

*Chegou! Chegou!*

*O Caboclo das 7 Encruzilhadas!*

*Já clareou lá no céu  
Iluminou o congá  
Aí vem o nosso chefe  
Foi Ogum quem enviou  
Caboclo das Sete Encruzilhadas  
De Oxalá traz a bênção  
Ele traz para seus filhos  
A divina proteção!*

*Eles são 3 caboclos... Caboclos do Jacutá!  
Eles giram noite e dia até o dia clarear!  
7 com mais 7, com mais 7 vinte e um  
Salvamos os 3 setes, todos 3 de um a um.  
7 Montanhas gira quando a noite lá chegar,  
Seu irmão 7 Lagoas quando o dia clarear,  
E ao romper da aurora até a alta madrugada  
Gira o Caboclo das 7 Encruzilhadas*

*Ovelhas abnegadas  
Do Rosário de Maria  
Salve Sete Encruzilhadas  
Salve a Estrela Guia!*

*Sua aldeia estava em festa...  
Sua taba toda iluminada...  
Saravá o Rei da Umbanda!  
Salve Sete Encruzilhadas!*